

Sobre a semântica da maneira e da conformidade

Óscar Lopes

Esta comunicação, muito informalmente ensaística, é uma proposta de reflexão sobre um tema bastante afim de outro que já apresentei num Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, sobre vários fenómenos semânticos ligados às relações de semelhança.

Uma relação de semelhança é, do ponto de vista formal algebrico, uma relação operatoricamente pouco definida, pois as suas únicas propriedades definitórias são a de reflexividade (qualquer que seja x , x é semelhante a x) e a de simetria (se x é semelhante a y , então y é semelhante a x). No entanto, como procurei lembrar nessa outra comunicação anterior, do ponto de vista da semântica linguística impendem interessantes restrições sobre estas propriedades da semelhança formal, encaradas em abstracto. A linguagem correntemente falada acompanha mais de perto a realidade imediata do que a álgebra mais abstracta das relações e por isso só se pode garantir que uma coisa é semelhante a si própria sob dadas condições de tempo, ou outras; e, se é natural dizer-se que o filho se parece com o pai, já não é tão corrente dizer-se que, por isso, o pai se pareça com o filho.

Ora a relação de semelhança é, pelo menos tipicamente, a única relação que pode invariavelmente servir ao tratamento semântico dos adverbiais, ou circunstâncias, de maneira. Os advérbios de maneira, tradicionalmente chamados advérbios de modo, constituem um imenso resíduo nas classificações mais usuais dos advérbios, e para os formar existem nas línguas indo-europeias derivações específicas, como em português o sufixo (ou quasi-sufixo) - mente. No entanto, ocorre muito facilmente a reserva de que, por exemplo, primeiramente, seguidamente, consecutivamente,

ultimamente, pertencem a uma categoria de ordem, e não de maneira, porque o predicado ou frase que modificam se relaciona com outro predicado ou frase segundo, em geral, uma ordem estrita com as propriedades formais da irreflexividade, da assimetria e da transitividade; essa ordem pode definir-se num conjunto de eventos temporalizados, como é também o caso de anteriormente, posteriormente, ou de simultaneamente - simultaneamente que, aliás, já exige uma relação temporal diversa, reflexiva e simétrica, além de transitiva. As gramáticas também não chamam advérbios de maneira possivelmente, provavelmente, eventualmente, por exemplo, porque eles modificam enunciados, e não predicados, e se inserem em quadros mais ou menos definidos de relação modal. Encurtando razões, pode dizer-se que os advérbios de maneira constituem o resíduo formalmente mais difícil de analisar sob o ponto de vista semântico, pois que os advérbios de tempo, de lugar, de ordem, de modalidade e de intensidade se podem reconhecer pelas propriedades algébricas ou topológicas das relações que instituem.

No entanto, os adverbiais de maneira não estão tão despojados de propriedades semânticas formais como pode parecer pelo que vimos até agora. Eles admitem em geral comparação, o que não acarreta necessariamente graduação, ou seja, ordem, mas pelo menos semelhança, se não mesmo identidade e polaridade antonímica; e isso tem até muito que ver com o facto de entre os advérbios de maneira, ou "modo", se incluírem tradicionalmente os advérbios valorativos bem e mal e o advérbio dístico ou anafórico assim.

Convém reparar no seguinte. As frases:

1. O João escreve tão correctamente como o Pedro.

e 2. O João escreve correctamente, como o Pedro.

não são semanticamente equivalentes, Quando se diz:

1. O João escreve tão correctamente como o Pedro

estabelece-se uma graduação comparativa. O advérbio correctamente, quando modificado sob as formas de tão correctamente como, mais (ou menos) correctamente do que passa a exprimir relações de ordem categorizada, ou seja, uma relação de tão, de mais ou de menos categorizada pelos semas de correctamente, tal como o advérbio depois é sempre contextualmente categorizado, pois tanto pode ter em vista uma série de coisas ordenadas no tempo, como ordenadas segundo uma unilinearidade espacial, ou segundo qualquer outra unilinearidade. Por exemplo, na ordem dos elementos químicos de Mendelaiev, o hélio vem depois do hidrogéneo.

Mas se, em vez de:

1. O João escreve tão correctamente como o Pedro.

se disser:

2. O João escreve correctamente, como o Pedro.

o que se exprime é uma semelhança entre duas maneiras de escrever. O módulo de tal semelhança entre essas maneiras de escrever é a correcção da escrita. Só se pode dizer que duas coisas são semelhantes relativamente a dado módulo de semelhança.

Ora nas frases escrever bem e escrever mal há já qualquer coisa mais do que dois módulos de maneira de escrever: há uma polaridade valorativa. Se se evidenciar um critério de ordenação entre escrever bem e escrever mal, tal polaridade é substituída mediante graduações expressas por escrever tão bem como, ou tão mal como, escrever melhor, escrever pior. Quanto a uma frase como escrever assim, que em português se pode parafrasear por escrever desta (dessa, ou daquela) maneira, é claro que só o contexto a pode inserir num quadro de graduação de maneira; por isso será necessário categorizar tal sema de maneira, pois a frase isolada limita-se a instruir o alocutário no sentido de ele procurar, por evidência díctica ou anafórica, a que objecto se refere e qual a categoria de maneira que se tem em vista.

Há também um advérbio interrogativo de maneira: o como, parafraseável por de que maneira, de que modo. Só o contexto da frase ou do discurso monologal, ou dialogal, pode desambiguar entre as categorias possíveis de maneira, pois as maneiras de comer "spaghetti" são muito diferentes das de resolver equações do segundo grau. Todas as línguas que conheço têm advérbios de interrogação directa ou indirecta sobre a maneira, e isso dá-me que pensar, porque nenhuma delas e nenhuma gramática de casa que eu conheça apresenta um caso desinencial ou um caso preposicional de maneira. A maneira é, em termos de caso morfológico, um imenso resíduo que se estende para além, embora por vezes próximo, do locativo, do instrumental e sobretudo do comitativo. A ideia verbalizada de viver com preocupações assenta na catacrese ou metáfora apagada de viver na companhia de preocupações. No entanto, há alguns verbos que tendem a construir-se com uma posição valencial, função semântica ou caso que bem se poderia classificar como de maneira, talvez porque a estrutura desse caso não se inscreve facilmente numa estrutura logico-formal, algébrica ou topológica definida, mas facilmente pode ser preenchida por um advérbio valorativo como bem ou mal, ou pelo dístico-anafórico assim: proceder ou comportar-se bem (mal, assim), funcionar ou agir bem (mal, assim), sentir-se ou aguentar-se bem (mal, assim). Voltaremos adiante a este assunto.

Vamos já observar aquilo a que chamarei a semântica da conformidade, ou seja, da correlação de circunstâncias de maneira entre duas orações, e veremos que em várias construções se neutraliza a diferença o caso objecto e o caso que, como resíduo classificatório, tenho vindo a designar como de maneira. Para mais largo enquadramento dessa ocasional neutralização entre objecto e maneira, lembremo-nos de que a partícula como, vinda do latim quomodo, mantém ainda no português medieval um uso equiva-

lente ao da conjunção completiva que, do tipo de:

4. Ele disse como a rainha tinha chegado.

com o sentido de:

5. Ele disse que a rainha tinha chegado.

Há ainda resíduos desta construção em frases exclamativas modernas do tipo de:

6. Vês como eles vieram?!,

em que se chama a atenção para o simples facto de que eles vieram, estando o aparente advérbio interrogativo indirecto de maneira, como, a marcar a relevância, a importância ou o valor argumentativo do facto que se pede para testemunhar visualmente. Em certas frases do mesmo tipo, por exemplo,

7. Vês como tenho razão!

há, no entanto qualquer coisa de semanticamente, e não apenas pragmaticamente, mais preciso. De facto, a diferença entre:

7. Vês como tenho razão!

e

8. Vês que tenho razão!

consiste em que a frase com o como evoca os motivos mais ou menos discursivamente já patentes para se suscitar o assentimento do enunciatário. Se assim é, esse como está a reactivar as vias argumentativas através das quais se impõe o assentimento. Noutros termos: o como de:

7. Vês como tenho razão!

não exprime lessamente uma maneira ou valor ligado à asserção global, mas funciona como uma partícula completiva com um sentido lógico-instrumental ou discursivo-instrumental: está a activar a via, o instrumento ou o método argumentativo através do qual se impõe, ou se sugere ao enunciatário que o enunciador tinha razão no que previamente dissera.

Nas construções sintácticas que vemos agora considerar

comparece aquilo a que Celso Cunha e Lindley Cintra chamam conjunções conformativas, cujo espécime mais típico é precisamente a conjunção "conforme". Para principiar, verifiquemos a diferença semântica que existe entre dois tipos de construção exemplificada pelas duas seguintes frases. Por um lado:

9. Ele arranjou a sala conforme lhe recomendaram

9a. Ele arranjou a sala como lhe recomendaram,

com a frase da conjunção conformativa posposta e não precedida de pausa sensível, ou de vírgula que graficamente a represente.

Por outro lado:

10. Conforme lhe recomendaram, ele arranjou a sala

10a. Como lhe recomendaram, ele arranjou a sala,

Com a frase da conjunção conformativa anteposta e seguida de uma pequena pausa, ou vírgula gráfica. Tentemos explicitar a diversidade de interpretação semântica que parece evidente em 9. e 10. Nesse sentido, eu proporei que na frase:

9. Ele arranjou a sala conforme lhe recomendaram.

e exprime uma conformidade, ou seja, uma semelhança ou identidade entre a maneira como ele arranjou a sala e a maneira como lhe recomendaram que ele arranjasse a sala. Mas esta explicação precisa de ser bem esclarecida. Na verdade, e explicado mais claramente, trata-se, globalmente, da asserção de conformidade, ou de semelhança, ou de identidade, tal que lhe recomendaram que arranjasse a sala de dada maneira e ele arranjou a sala dessa mesma maneira, ou seja, de maneira igual, semelhante ou conforme. Mais precisamente ainda o que quero dizer é que a um dado nível de sintaxe lógica, ou de sintaxe semântica, na frase global

9. Ele arranjou a sala conforme lhe recomendaram,

o operador conforme relaciona duas frases constituintes atribuindo uma determinada (embora não verbalizada) circunstância de maneira à frase constituinte inicial (ele arranjou a sala) e atri-

buindo a mesma determinada (embora não verbalizada) circunstância de maneira à frase completiva (qualquer coisa como recomendaram-lhe que arranjasse a sala de determinada maneira). A conformidade de maneira verifica-se entre o arranjo real da sala e o arranjo da sala tal como foi recomendado.

Mas na frase global exemplificativa nº 10., em que a frase constituinte de conjunção conformativa aparece anteposta, ou seja:

10. Conforme lhe recomendaram, ele arranjou a sala, o tipo de conformidade é bem diferente. Trata-se da conformidade entre um estado de coisas que é asserido na segunda oração, ou seja, ele arranjou a sala, e um estado de coisas que, na primeira oração, não é asserido pelo enunciador global mas apresentado como constituindo o objecto de uma recomendação. Noutros termos: recomendaram-lhe que ele arranjasse a sala e ele arranjou a sala. Afirma-se a conformidade entre um estado de coisas real e um estado de coisas modalizado como objecto de recomendação. Mas curiosamente tal estado de coisas como objecto de recomendação não está verbalmente explícito. O resultado é que a conformidade globalmente asserida parece existir entre o ele arranjou a sala e uma determinada maneira de recomendação. Isto é: parece verificar-se uma neutralização semântica entre a categoria objecto de recomendar e a categoria maneira de recomendar: na verdade algo há de comum entre essas posições valenciais, que é o facto de serem posições valenciais determinativas de uma forma asseritória do verbo recomendar.

Este exercício sintáctico de antepor e pospor a oração introduzida pela conjunção conforme ou como à oração correlativa permite várias verificações interessantes, que podem contribuir para caracterizar melhor as noções semânticas de conformidade e de maneira, que tenho estado a usar. Uma verificação interes-

te é a de que verbos do tipo de proceder, comportar-se, sentir-se, que já atrás lembrámos parecerem construir-se com um caso ou função semântica específica de maneira (proceder bem, proceder mal, proceder assim, proceder louvavelmente, por exemplo), não são admissíveis em posposição se esse caso não estiver explícito. De facto, é aceitável dizer-se:

11. Conforme previas, ela veio,

mas já não pode aceitar-se a frase global:

12. Conforme previas, ele procedeu,

sem especificar que ele procedeu bem, mal, ou de qualquer modo em especial. E isso talvez constitua um teste de estrutura valencial ou casual.

Aproveito a oportunidade para propor uma hipótese explicativa para o facto de bem e mal, advérbios valorativos, ocuparem tão naturalmente posições casuais de outros advérbios de maneira. É que a maneira como algo se faz, como algo ocorre ou como algo se faz dificilmente se exime a um quadro ou escala de valorização. Dizer que uma pessoa se portou cavalheirescamente, bruscamente, ansiosamente, etc. é sempre mais ou menos interpretado como uma especificação na maneira de portar-se bem ou mal.

Mas prossigamos na inquirição sobre a noção de conformidade entre constituintes de duas frases mais ou menos ligadas a uma circunstância de maneira. Assim, o exemplo:

13. Eu danço conforme tocam

faz avultar qualquer coisa mais do que uma conformidade na aceção de semelhança ou identidade de maneira. O que aqui se diz é que certa maneira de dançar depende funcionalmente de certa maneira de tocar; a maneira de dançar varia em função da maneira de tocar. A relação já não é estritamente de identidade ou semelhança: é uma relação funcional. A função pode mesmo não se exprimir como definida por todos os valores das variáveis. Quer em

sentido literal, quer em sentido metafórico, a frase admite que eu nem sequer dance se me tocarem de determinadas maneiras. Seja como for, há aqui maneiras e conformidade de maneiras, mas essa conformidade não é uma semelhança, e sim uma relação funcional.

Consideremos agora a variante:

14. Eu danço ou não, conforme tocarem.

Há aqui também uma relação funcional, mas de um tipo muito específico. A anterior relação funcional de maneira modula-se sob a forma de uma função proposicional, ou função de verdade. Afirma-se vir a ser verdade de que eu danço, ou vir a ser verdade de que eu não danço consoante a maneira de tocar. A principal diferença semântica que existe entre tal frase e estoutra frase:

15. Se tocarem, eu danço,

consiste em que esta última construção é apenas verifuncional, quer dizer, e simplificando, que o valor de verdade de eu dançar depende apenas do valor de verdade de alguém tocar, se abstrairmos, é claro, de todas as complicações que a verifuncionalidade linguisticamente expressa acarreta em relação à verifuncionalidade de lógica abstracta; ao passo que em:

14. Eu danço ou não, conforme tocarem

o valor de verdade de eu dançar varia em função do constituinte de maneira que especifica, e perfaz, a semântica da segunda oração.

Mas a conformidade de maneiras, simples ou funcionalmente ligadas, ou até, consoante vimos, inseridos numa condição de verdade, tem uma sensível afinidade com o uso de como, em oração inicial de período, a assinalar aquilo que tradicionalmente se classifica de oração causal. Generalizando uma observação já atrás feita, repare-se que em construções do tipo de:

16. Conforme (ou como) pediste, cheguei cedo

16a. Conforme (ou como) ordenaste, cheguei cedo

16b. Conforme (ou como) sabes (ou previas), cheguei cedo.

16c. Conforme (ou como) querias (ou preferias), cheguei cedo,

a oração da segunda frase (cheguei cedo) asserir um estado de coisas que é assumido pelo enunciador como real, mas se conforma precisamente com o estado de coisas abstracto, não asserido ou não verbalizado na oração à esquerda, nela serve de objecto num predicado de injunção, de cognição ou de volição, em suma, num tipo de predicados que certos semanticistas americanos já designaram como de criadores de mundos possíveis. A conformidade entre as duas orações constituintes é, por assim dizer, uma conformidade de dois constituintes através de dois mundos: o mundo assumido como real pelo enunciador e o mundo determinado por um predicado que o modaliza. Porque é que, diversamente, na frase:

17. Como choveu, o João ficou em casa,

a conexão inter-oracional é já sensivelmente diferente, e é percebida como de causa ou de motivo? Repare-se que tal conexão não depende de qualquer constituinte frásico de algum modo comum. A conformidade é verifuncional, analogamente a:

15. Se tocarem, eu danço.

Mas não se trata apenas de uma asserção globalmente condicional. A diferença que existe entre:

18. Se chovesse, o João ficava em casa.

numa interpretação, não de contrafactualidade, mas de possibilidade localizada no passado, consiste em que a prótase da condicional em:

18. Se chovesse, o João ficava em casa,

na interpretação potencial aqui suposta, não está determinada quanto ao seu valor de verdade; apenas está condicionalmente determinado que, a ser verdadeira essa prótase, a apódose será também verdadeira. Ao passo que em:

17. Como choveu, o João ficou em casa.

a prótase é apresentada como verdadeira, e por isso a apódose conforma-se com esse valor de verdade, de acordo com um raciocínio de modus ponens que me dispense de formalizar. A interpretação causal desta oração de como depende de certas restrições semânticas importantes. Essa interpretação é aqui plausível porque o intervalo do tempo em que choveu é anterior ou englobante do intervalo de tempo em que o João ficou em casa. Deixarei de lado o tratamento lógico-formal da conexão entre as condicionais e as causais, que é inesgotável, e muito tem que ver com esquemas argumentativos comuns às construções contrastivas (adversativas ou concessivas). Por agora apenas me interessa notar o contraste entre a anteposição obrigatória da oração causal de como e a posição mais correntia da oração causal de porque:

19. O João ficou em casa porque choveu.

Esta última construção é parafraseável por uma construção conclusiva:

20. Choveu, por isso o João ficou em casa,

em que a noção de causa volta a atribuir-se à oração anteposta. Consoante é sabido, as construções causais e conclusivas figuram, em fases mais ou menos oracionais das línguas indo-europeias, sob a forma da correlação do tipo:

21. Porque choveu, por isso o João ficou em casa

22. Porque choveu, portanto o João ficou em casa.

O fraccionamento destas correlações e a operacionalidade de ordenação discursiva das orações constituintes, em ligação com outros factores de variabilidade lexical, de pausa e de entoação, permite dispor de um complexo quadro de possibilidades de estratégia argumentativa ou simplesmente expositiva que já abordei por alto noutra comunicação. Basta reparar no seguinte. Numa frase tão simples como:

23. Vim porque tu estavas.

há pelo menos três coisas que poderão ser ou não conhecidas antes da enunciação da frase: a vinda do enunciador, a estadia do enunciatário e a conexão causal entre os dois estados de coisas. Um cálculo simples, que é a das aplicações algébricas possíveis de um conjunto de três elementos, aqui os constituintes da frase, num conjunto de dois elementos (o de ser e o de não ser dado ou previamente conhecido) descortina, ao todo, oito situações pragmáticas diferentes de comunicação, vocalmente assinaláveis por diversos recursos de entoação ou pausa. Excluindo o caso implausível de todos os três constituintes já serem conhecidos (a minha vinda, a tua estadia e a conexão causal), temos sete situações pragmáticas possíveis. Mas, como se sabe, a distribuição sintáctica das diversas conjunções causais e conclusivas não coincide e a partitura da comunicação real tem de ter estas sete situações em conta no estudo das estratégias discursivas (em que aliás há a considerar outros factores além do conhecimento ou desconhecimento prévio de traços semânticos ligados aos constituintes da frase).

Mas dentro da linha de exposição que estamos seguindo, haveria um particular interesse em discutir o contraste semântico e/ou pragmático entre frases do tipo:

17. Como choveu, o João ficou em casa;

19. O João ficou em casa porque choveu.

e 20. Choveu, por isso o João ficou em casa.

O que há comunicativamente de comum entre:

17. Como choveu, o João ficou em casa.

e 20. Choveu, por isso o João ficou em casa.

é que a oração que tem como predicado choveu vem à cabeça do período e assinala, portanto, que se trata de um estado de coisas já conhecido no momento da sua asserção ou da sua reactivação cognitiva, ao passo que em:

19. O João ficou em casa porque choveu,
o conhecimento prévio da chuva só pode ser marcado por efeito de pausa ou entoação, ou ainda por efeito do pré-contexto discursivo. Mas que diferença comunicativa haverá entre a oração de como e a oração de por isso, no respectivo período? Presumo que, ao dizer-se:

17. Como choveu, o João ficou em casa,
a conjunção como inicial não assinala apenas o prévio conhecimento da chuva: assinala também que dela deriva uma consequência, a assinalar depois. Quer dizer que há, tanto a asserção de chuva, como a asserção de um efeito contextualmente relevante da chuva que vai a seguir comunicar-se. Noutros termos, a activação cognitiva da chuva e a de um efeito relevante estão pré-construídas, e o que comunicativamente se constrói de novo é a asserção de que o João ficou em casa por isso.

Ora a frase:

20. Choveu, por isso o João ficou em casa,
não tendo no seu início um operador a anunciar dada forma de conformidade (que é a de causa - e - efeito entre as duas orações constituintes mais evidentes), depende mais da incidência, ou não, de pausa, e/ou de efeitos entonacionais. Suponhamos que se faz uma pausa a seguir à primeira oração e que se lê o resto sem praticar nova pausa sensível:

20. Choveu, ... por isso o João ficou em casa.
Neste caso, a asserção de chover aparece como pré-construída quer em relação à marca de haver um efeito relevante, quer em relação à especificação desse efeito. Se a escansão se fizer com as duas pausas que agora se indicam:

20. Choveu ... por isso ... o João ficou em casa.
a marca de existência de um efeito relevante da chuva aparece já como pré-construída relativamente à sua especificação como sendo

a da permanência do João em casa. No entanto, esta frase global não é, de todo, comunicativamente equivalente à da construção de como, porque as duas pausas assinalam duas fases de construção comunicativa, o que vem complicar o quadro das sete opções entre as marcas de conhecimento prévio, ou não, dos três elementos em que se dividiu uma frase como:

19. O João ficou em casa porque choveu, pois se propõe, agora, uma relação de ordem discursiva entre o conhecimento prévio ou activado desses três elementos: o João ficou em casa, a proposta de que isso tem uma causa, e a especificação de tal causa. Há ainda uma diferença entre uma construção causal assinalada por um como inicial e as que são assinaladas pela conjunção causal porque ou pela conjunção conclusiva por isso. É que estas últimas são claramente expressas como expressões de um caso instrumental marcado em português pela preposição por. Nesta frase, é, pelo menos imaginária e metafóricamente, através, ou por via de, ou por intermédio da chuva, que o João ficou em casa. Mas se se usa a construção causal com como, a imagem ou metáfora básica é a de conformidade entre valores de verdade. Não cheguei a explorar bem a importância disto, mas talvez se possa supor que isto se conecta com algumas coisas atrás sugeridas e com muitas outras a analisar. É interessante observar que a conclusiva por isso, baseada numa metáfora de caso instrumental equivale a outras conclusivas baseadas em metáfora de conformidade, de maneira, como: deste modo (desta maneira, desta forma) o João ficou em casa.

Mais adiante referir-nos-emos ainda mais a construções causais para melhor observação daquilo que há de comum e de diferente entre a conformidade de maneira, a comparação e a graduação adverbial ou adjectival. Antes disso, talvez possa mais expeditamente meditar entre uma conformidade mais genérica, a confor

midade de maneira, e certas formas de modalização. Repare-se na diferença semântica que existe entre:

21. Conforme dizem, ele está melhor.,

e 22. Segundo dizem, ele está melhor.

Na frase 21., conforme dizem ..., o objecto do dizer na oração é suposto como verdadeiro: há portanto conformidade entre um facto real e o que dele dizem. Mas na frase 22. Segundo dizem ..., a veracidade do objecto do dizer da primeira oração não está pressuposta, e daí resulta uma modalização da oração ele está melhor. O valor de verdade desta oração fica condicionada à fidedignidade de um certo acto declarativo. (Segundo dizem constitui uma cerca, em inglês, hedge, que limita o alcance da asserção seguinte.)

Ora como o factor geralmente considerado mais importante para o grau de tal fidedignidade é a autoridade do declarante, esta forma de modalização omite frequentemente o verbo dicendi e reduz-se a construções do tipo de segundo Aristóteles, segundo Einstein, segundo o Primeiro Ministro ou segundo o noticiário da TV, o que basta para determinar o grau de certeza, ou incerteza, duma oração, modalizada. Na primeira pessoa, tal construção serve para atenuar a certeza de uma asserção, ou então para assinalar uma atitude polémica (segundo julgo ..., segundo me parece...). Por outro lado, em discurso argumentativo, as partículas como e conforme servem para enfatizar a atitude do enunciador ou sua fonte de autoridade: como/conforme vê, ele faltou; conforme te disse, ontem não saí; conforme se previa, o preço do barril de petróleo atingiu os 40 dólares.

Há meios linguísticos para, não apenas modalizar uma asserção em conformidade com um dizer, com uma autoridade ou com uma forma de saber, mas também para graduar funcionalmente o grau de certeza enunciativa. Assim, na frase:

23. Tanto quanto sabemos, o nosso mundo físico principiou há cerca de 15 mil milhões de anos,

admite-se uma graduação de saber cujo acréscimo poderá alterar o objecto do saber. É interessante notar que certas das expressões graduadoras do grau de certeza ou de saber evoluem espontaneamente para uma certeza de causa. Por exemplo, na frase:

24. Ela está feliz na medida em que ganhou o concurso., a interpretação mais corrente é meramente causal; e o mesmo se verificaria com exemplos construídos à base da expressão: isto é tão verdadeiro quanto é certo que. No entanto, há casos em que pelo menos é aceitável uma correlação; assim, a frase:

25. Na medida em que sabes línguas, podes servir de intérprete não parece equivaler a:

25a. Como sabes línguas, podes servir de intérprete. Mas há conformidades com o carácter de correlações funcionais que nada têm que ver com estas formas de modalização. Com efeito, quer em frases como:

26. As coisas encarecem tanto mais quanto mais escasseiam,

ou como:

27. À medida que avançava, distinguia mais claramente o objecto à sua frente,

é fácil reconhecer uma conformidade funcional de duas graduações, quer do grau de escassez para o grau de encarecimento, quer do grau de avanço para o grau de clareza distintiva.

Estamos no domínio semântico em que a simples conformidade de maneira se precisa sob a forma de comparação e graduação de intensidade, que nestes casos acabados de exemplificar assumem a forma de correspondência funcional. Para considerar a continuidade entre a simples conformidade de maneira e a comparação gradativa, podemos considerar mais uma vez, portanto pela sexta vez, esta frase global em que, com o concurso de certos factores

já sugeridos, se constrói uma relação causal:

17. Como choveu, o João ficou em casa.

Confrontemos agora tal frase com esta outra:

28. Como choveu muito, o João ficou em casa.

Aqui o facto de o João ficar em casa não é necessariamente uma consequência de chover, mas de chover muito. O grau superlativo de intensidade da chuva integra-se no estado de coisas que produziu tal efeito. Nota-se bem que a causa desse efeito não é a grande intensidade da chuva mas todo o estado de coisas que consistiu em chover muito; na lógica desta nova frase, o efeito dependeu do facto de chover muito, e não do facto de chover, nem de uma intensidade abstraída do facto de chover. Isto ajuda a compreender uma construção consecutiva do tipo de:

29. Choveu tanto, que o João ficou em casa.

A diferença principal e por agora pertinente não é grande, e consiste em que a consequência de o João ficar em casa é determinada, não em função de um grau superlativo no processo de chover, mas por um grau pelo menos tão elevado quanto aquele que é suposto por tal consequência. Uma consequência tanto pode ser o efeito de dado estado de coisas encarado de maneira a não considerar a intensidade dos seus constituintes, como pode ser efeito de dado estado de coisas tendo em vista a graduação de um seu constituinte. Nestes últimos casos, o constituinte considerado é claramente adverbial, no sentido etimológico de que é um modificador do verbo: choveu muito, choveu tanto. Mas numa frase como:

30. Ele é tão medroso que não quer viajar de avião.

a consequência de ele não querer andar de avião tem como causa o ele ser medroso num grau suficientemente elevado para produzir esse efeito. Noutros termos: o estado de coisas que serve de causa integra um

factor particularmente relevante do ponto de vista comunicativo, e esse factor relevante consiste numa dada intensidade expressa por um grau morfológicamente marcado num adjectivo.

Mas que é que acontece com uma construção consecutiva do tipo de:

31. Ele é tal (ou é de tal feitio) que ninguém o atura?

O constituinte tal (ou de tal feitio) não está graduado. A consecutiva não depende, por isso, de uma intensidade ou quantidade. O factor comunicativamente mais relevante no estado de coisas que serve de causa está ligado a uma espécie de pro-adjectivo (tal ou de tal feitio) que o verbo cópula predica do sujeito da primeira oração. Mas como não se trata de uma intensidade ou quantidade que alcança ou excede um dado limiar inferior bastante para que o efeito se produza, temos de nos perguntar como é que se determina o traço semântico distintivo desse, digamos, pro-adjectivo, tal ou de tal feitio. A resposta que eu proponho é a de que esse pro-adjectivo não é semanticamente vazio; ele está semanticamente determinado pela relação inversa daquela relação de conformidade em que ele está com o seu efeito. Noutros termos: o significado do segmento tal, ou de tal feitio na frase:

31. Ele é tal (de tal feitio) que ninguém o atura,

reduz-se ao facto de ser um constituinte particularmente relevante na expressão do estado de coisas que tem como efeito o estado de coisas de que ninguém atura aquele a que se refere o sujeito da primeira oração. Analogamente, na frase:

29. Choveu tanto, que o João ficou em casa.

o grau de intensidade da chuva é determinado pela sua conformidade com o efeito de o João ficar em casa, e, do ponto de vista comunicativo, pode mesmo acontecer que tal efeito apenas seja invocado para caracterizar o grau de intensidade da chuva.

Em suma: a noção de conformidade, de que não tentei dar

qualquer definição salvo a definição inerente ao seu uso operativo metalinguístico, parece permitir a consideração conjunta de fenómenos linguísticos diversos, como relações de comparação adverbial e adjectival, que só tive tempo para focar parcialmente, e relações interproposicionais geralmente classificadas como de comparação, de causa ou conclusão, de proporcionalidade, de condição, que aliás assumem importantes gamas de variação semântica ou pragmática. A conformidade assenta por vezes na consideração dos adverbiais de maneira, que são do ponto de vista semântico formal os menos definidos de todos os adverbiais. A moralidade que extraio para mim deste ensaio modesto é a de uma grande lição de complexidade que nos dá a consideração atenta das coisas aparentemente mais simples - nomeadamente no terreno da semântica linguística.